



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARIANA VIEIRA LOPES

**O TRABALHO DE CAMPO: UMA METODOLOGIA PARA A LEITURA
DO ESPAÇO GEOGRAFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Cajazeiras
2016

MARIANA VIEIRA LOPES

**O TRABALHO DE CAMPO: UMA METODOLOGIA PARA A LEITURA
DO ESPAÇO GEOGRAFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras com a finalidade de obtenção do título de Graduado.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Cajazeiras

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L864t Lopes, Mariana Vieira
O trabalho de campo: uma metodologia para leitura do espaço geográfico no ensino de Geografia / Mariana Vieira Lopes. - Cajazeiras, 2016.
47f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2016.

1. Ensino de geografia. 2. Prática de ensino - geografia. 3. Trabalho de campo-aulas de geografia. I. Di Lorenzo, Iveralda Dantas Nóbrega. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 91:37.02

MARIANA VIEIRA LOPES

**O TRABALHO DE CAMPO: UMA METODOLOGIA PARA A LEITURA
DO ESPAÇO GEOGRAFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Apresentado em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCG-Orientadora)

Professora Ms. Mariana Borba de Oliveira (CFP/UFCG-Examinadora Interna)

Professora Ms. Maria da Glória Vieira Anselmo (CFP/UFCG-Examinador Interno)

Cajazeiras

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, mulher de exemplo e coragem que sempre apresentou a mais pura simplicidade em suas metas, e com muito carinho me ensinou o caminho da justiça. A minha querida filha Marinna, que foi uma das fontes para as minhas inspirações e, a todos os meus colegas de curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não abandonar-me nos momentos de fraqueza e desânimos aumentando sempre minha fé e força de vontade para a continuidade na caminhada.

Aos meus pais, Francisca Lopes Vieira e Francisco Lopes de Sales pelo apoio e paciência.

A professora Doutora Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, pela orientação, disponibilidade e paciência.

A Banca Examinadora nas pessoas das Professoras Me. Mariana Borba de Oliveira e a Me. Maria da Glória Vieira Anselmo.

Aos meus Irmãos, Maria Helena, Marcélia, Márcia, Marcos, César, Mônica, Emanuela e Manoel por estarem sempre me apoiando nos estudos.

A José Júnior, pelo carinho e palavras de incentivo, presente na minha vida nos momentos fáceis e difíceis e me ajudando quando preciso.

A minha Filha, Marinna Vieira Duarte, fonte de positividade.

Aos meus Primos, Patrícia Vieira, Nancy Silva, Júnior e Thiago Kayo, por todo apoio, paciência e compreensão.

A secretária da Educação do Município de Santa Helena-PB, Rosângela Dantas Tavares pela confiança.

À Escola Municipal Antônio Barroso de Sena e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Elaine Soares Brasileiro, e a todo corpo docente das referidas escolas.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), por todas as oportunidades que me foram dadas a partir do ingresso na mesma.

A Todos os professores que tive desde a Educação Infantil até a Educação Superior pelos ensinamentos e conhecimentos compartilhados.

A turma de Geografia 2009.1 por tamanhas alegrias e choros que compartilhamos, e em especial a Adriana de Sousa, Marília Cerqueira, Gilvânia Lins e Jessé Alves, cujas amizades permanecem sempre presentes em mim.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente, contribuíram nesta caminhada.

RESUMO

No ensino de geografia, várias são as possibilidades apresentadas ao professor de geografia para dinamizar e enriquecer suas aulas a exemplo da prática do trabalho de campo como uma ferramenta metodológica que proporciona ao professor e aos alunos algo além da sala de aula podendo entender melhor a dinâmica do espaço. O presente trabalho tem como objetivo mostra como ocorre o trabalho de campo suas etapas a importância para as aulas de geografia. Os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste trabalho monográfico descritivo foram: levantamento bibliográfico, observação pesquisa de campo e entrevistas, registro fotográfico. O trabalho de campo proporcionou a observação, análise e o relato acerca que das experiências vivenciadas o trabalho de campo, realizadas no percurso entre as cidades Cajazeiras, Nazarezinho, Santa Luzia, Campina Grande, João Pessoa e Sapé.

Palavras Chave: Ensino de Geografia, Trabalho de Campo Metodologias, Espaço Geográfico.

ABSTRACT

In teaching geography, there are several possibilities presented the geography teacher to energize and enrich their lessons such as the practice of fieldwork as a methodological tool that provides the teacher and the students something beyond the classroom can better understand the dynamics space. This work aims to show how the field work is its stages the importance for geography lessons. The methodological procedures used for the construction of this descriptive monograph were: literature, observation field research and interviews, photographic record. The fieldwork provided the observation, analysis and reporting that about the experiences lived fieldwork carried out during transit between the cities Cajazeiras, Nazarezinho, Santa Luzia, Campina Grande, João Pessoa and Thatcham.

KEYWORDS: Geography Teaching, Field Work Methodologies, Geographic Area.

LISTA DE SIGLAS

AGB - Associação de Geógrafos Brasileiros

CFP – Centro de Formação de Professores

INSA – Instituto Nacional do Semiárido

LOGEPA – Laboratório de Geografia da Paraíba

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

PB - Paraíba

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

PROBEX – Programa de Bolsas e Extensão

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Mapa da localização da cidade do município de Nazarezinho-PB
- Figura 2- Croqui da Casa de Abdias Pereira
- Figura 3 – Localização do Município de campina Grande-PB
- Figura 4- Mapa da localização do Município de João Pessoa-PB
- Figura 5- Mapa da localização do Município de Sapé-PB

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1- Residência de Abdias Pereira.
- Imagem 2- Fazenda Jacú, casa de Chico Pereira.
- Imagem 3- Escola Estadual Arlindo Bento de Moraes.
- Imagem 4- Louceiras colocando as peças no forno.
- Imagem 5- Amostra de cactos produzidos no INSA.
- Imagem 6- Sistema de armazenamento de água captada pluvial pela chuva, no INSA.
- Imagem 7- Maquete do Estado da Paraíba, Logepa - PB
- Imagem 8- Elizabeth Teixeira com a bandeira do (Movimento dos pequenos agricultores).(MPA).
- Imagem 9- Homenagens e apresentações culturais para Elizabeth Teixeira.

Imagem10- Homenagens do assentamento durante os 90 anos de Elizabeth Teixeira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1- A GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL E AS NOVAS LINGUAGENS NO ENSINO CONTEXTUALIZADO DE GEOGRAFIA	14
1.1.O Advento da Educação e da Geografia Escolar no Brasil	14
1.2. Ensino de Geografia, Linguagens e Metodologias.	15
1.3. Educação Contextualizada para uma Leitura do Espaço Geográfico	16
2- O TRABALHO DE CAMPO: UMA LINGUAGEM PARA INTERPRETAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PARAIBANO	18
2.1. O Trabalho de Campo como Linguagem para o Ensino	18
2.2. O Trabalho de Campo na Formação Inicial e a Educação Contextualizada para uma Leitura do Espaço Geográfico	22
2.3. Outras Metodologias Utilizadas na Preparação do Trabalho de Campo: o Vídeo e a Literatura Regional	24
3- CONSTITUINDO A PRÁXIS A PARTIR DO TRABALHO DE CAMPO	27
3.1. O Estudo do lugar e da paisagem Paraibana através do Trabalho de Campo	27
3.2. O trajeto percorrido no trabalho de campo	29
3.3. Relato de Campo	42

CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Vivenciamos uma época onde tudo se transforma rapidamente comprimindo espaço e tempo, encurtando distâncias e tempos, respectivamente. O espaço geográfico, produzido socialmente traduz-se no cenário onde tudo se dá através das relações sociais de produção humanas na natureza, uma interferindo na outra mutuamente, e a sociedade é o agente de transformação, dada a sua interação e suas necessidades postas, mediadas seguindo as demandas do modo de produção vigente, o capitalista.

Diante dessa dinamicidade e encurtamento espaço-tempo na relação espaço-sociedade é possível perceber que a educação e com ela, o ensino de geografia já não pode mais se desenvolver como perspectiva de transmissão de conhecimentos, pautado essencialmente na aparência dos fatos e, no que é eminentemente mensurável, ao visível, mas quase sempre ligada às imagens dos livros e postura do professor.

A teoria que emerge de uma prática já não pode suprir as necessidades do ensino-aprendizagem exigindo dos que fazem a educação, a realização de práticas reflexivas dialógicas, capazes de possibilitar aos educadores e educandos a liberdade de criação, pensamento e ação, na construção de saberes e de novos conhecimentos; assim como,

desbravar o espaço em que vive, não apenas com os olhos, mas com as mãos, com a interação de todas as funções e sentidos necessários, a fim de participar e construir a formação dos sujeitos.

Pensar e viver o espaço geográfico requer da escola e, por conseguinte, de seus educadores e educandos posturas críticas e reflexivas e práticas interdisciplinares, as quais incluam linguagens e recursos diferenciados que permitam a aprendizagem significativa dos conteúdos geográficos, os quais podem ser discutidos em sala de aula ou outros locais que permitam dinamizar o processo ensino-aprendizagem, bem como contextualizar os referidos conteúdos com as realidades desses educandos.

Nesse sentido, realizamos uma pesquisa científica que resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo objetivo foi refletir sobre a metodologia de trabalho de campo como possibilidade de desenvolver a leitura do espaço, no ensino de geografia.

Para melhor entendimento da eficácia dessa metodologia tomamos como referência a pesquisa participante desenvolvida durante a disciplina Prática de Ensino em Geografia Humana, ministrada no período 2015.1, no curso de Licenciatura em Geografia, Centro de Formação de Professores (CFP), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras, Mesorregião do Sertão Paraibano.

Uma das exigências da disciplina cursada foi a participação num trabalho de campo, cujo percurso se deu entre Cajazeiras a João Pessoa, na Paraíba para observação da paisagem, cultura, fatos históricos relacionados à construção do espaço paraibano que resultaram na construção/transformação da paisagem.

A realização do trabalho de campo foi precedido por aulas expositivas dialogadas, leituras de textos, debates, exibição de quatro vídeos, quais sejam: *Cabra Marcado Para Morrer*, *A História de Elizabeth Teixeira*, *Sobreviventes de Galileia*, todos de Eduardo Coutinho e, *Abril Despedaçado*, de Ismael Kadaré; além da leitura da obra literária regional, *Vingança, Não!*, de autoria de Francisco Pereira Nóbrega.

O presente trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, além da introdução e considerações. Inicialmente, abordamos a origem da Geografia no Brasil e as novas linguagens no ensino da Geografia, seu surgimento se dar a partir do modelo das escolas francesas, completando seus estudos aqui no país com maior aprofundamento teórico.

O capítulo seguinte trata do trabalho de campo como linguagem para interpretação do espaço geográfico paraibano.

O último capítulo discute a práxis, a partir do trabalho de campo, metodologia esta capaz de promover espaços de convivência e diálogos que possibilitam a leitura de mundo através

da complexa relação teoria-prática.

Ao longo deste trabalho demonstraremos a importância do Trabalho de Campo, as dificuldades durante a sua realização, o planejamento, além de sugestões para aperfeiçoar a experiência de desenvolver essa metodologia.

1- A GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL E AS NOVAS LINGUAGENS NO ENSINO CONTEXTUALIZADO DE GEOGRAFIA

Neste capítulo refletimos sobre o desenvolvimento da geografia escolar no Brasil, as influências de autores e suas contribuições para o desenvolvimento de uma geografia renovada valorizando o conhecimento prévio dos educandos, do professor e a importância do uso de novas linguagens nas aulas de geografia para tornar as aulas de geografia menos enfadonhas e mais dinâmicas.

A Geografia é uma ciência que interpreta, analisa os acontecimentos e as características no âmbito social circunscrito à relação sociedade-natureza, nos seus mais diversos aspectos, por sua vez influenciada pela tecnologia, a qual juntamente com uma série de conceitos e categorias, confere ao ensino de geografia uma multiplicidade de possibilidades de compreensão da realidade e do espaço que a contém e a circunda.

Para a compreensão dos conteúdos e categorias geográficas apresentamos neste capítulo uma breve discussão sobre a geografia escolar, suas nuances e as novas linguagens no ensino de geografia como formas de intervir na realidade dos sujeitos da escola.

1.1. O Advento da Educação e da Geografia Escolar no Brasil

A educação escolar no Brasil tem seus registros com a presença da Companhia de Jesus com a catequização realizada pelos jesuítas, cuja proposta central orientava-se por um plano de ensino único o qual norteou as escolas da época pautada na transmissão de conhecimentos.

A geografia enquanto ciência e disciplina apresentava o caráter mnemônico, descritivo, sem quaisquer preocupação com os fatos relacionados à cultura, sendo reconhecida no currículo a partir de 1832, portanto, não existente no período colonial, tampouco uma formação na área, realidade esta que veio a se transformar a partir do século XIX, quando a geografia ingressa nos currículos escolares, especialmente com o registro de sua inserção no ano de 1837, no Colégio Pedro II.

O método de memorização estimulado, sobretudo por perguntas e respostas caracteriza a produção bibliográfica escolar da época, o que fora criticado por Ruy Barbosa, este que propunha que fosse realizada a observação dos fatos e fenômenos históricos para diálogos em sala de aula e discussão desses fenômenos.

Durante o período imperial a situação do ensino de geografia perdura, no tocante a memorização, descrição somada a situações de crise expressa pela escassez de recursos, professores capacitados, ineficiência na execução dos planos de ensino, culminando numa situação negativa na educação escolar.

O contexto de transformações no ensino é impulsionado pelas necessidades ditadas pelo capitalismo em função das demandas sociais no País, fato que promoveu a educação na geografia escolar forte influência das escolas francesas, a exemplo das contribuições de Delgado de Carvalho na perspectiva do desenvolvimento da Geografia Nova, discutindo a importância da educação contextualizada na geografia moderna.

Sucessiva a contribuição de Delgado de Carvalho, ganha destaque a proposta de Francisco Campos, ministro da educação, o qual desponta com geografia nova com a proposta de adequar o ensino de geografia a realidade do educando partindo do método indutivo.

No ano de 1934, ganha destaque a criação da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) com o incentivo às pesquisas científicas, além do chamamento a utilização de metodologias diversificadas no ensino de geografia, o que vem sendo na atualidade fonte inesgotável de demandas no ensino, agora com o advento do meio técnico-científico-informacional, a partir do qual o professor pode dispor de inúmeras linguagens e recursos para

desenvolver sua aula e ressignificar os conteúdos.

Nesse sentido, ganha enfoque as tecnologias, distintas linguagens, as quais se associam a metodologias como o trabalho de campo, objeto deste trabalho, o qual serve de base para a leitura e interpretação do espaço geográfico.

1.2. Ensino de Geografia, Linguagens e Metodologias.

A Geografia, enquanto ciência e disciplina possibilita através do ensino, quando contextualizado, a compreensão/interpretação do espaço geográfico e das relações sociais que nele se dão. Para tanto, necessita-se da participação dos sujeitos do ensino-aprendizagem, quais sejam professor e aluno.

Daí a importância de contextualizar-se o ensino com a realidade dos alunos e a partir desta, a compreensão do macro espaço, da noção de totalidade, especialmente se considerando as diversidades dos sujeitos e a rapidez da informação mediada por linguagens diferenciadas, as quais servirão de apoio ao entendimento dos conceitos e categorias geográficas, presentes na pesquisa contínua na atividade discente e docente.

O desestímulo presenciado por vezes nas salas de aulas pode ser revertido a partir da variação que o professor pode desenvolver em sua sala de aula com vistas à maior interatividade, compreensão e atração pelos conteúdos. De acordo com Castellar, (2010,p.65), há disposição de recursos para os professores, assim como de distintas linguagens, o que pode ocasionar maior ênfase no aprendizado e ensino.

Destacamos a charge, a imagem, o cinema, jornal, o trabalho de campo, dentre outros, como linguagens a serem desenvolvidas no ensino, as quais devem ser apropriadas pela escola.

A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de aprender.
(PONTUSCHKA, 2009, p.261)

Segundo a autora a escola tem acesso a várias modalidades de linguagens, utilizadas de forma correta, no intuito de desenvolver a capacidade do aluno de analisar, interpretar e

compreender os conteúdos vistos através destas várias linguagens.

1.3. Educação Contextualizada para uma Leitura do Espaço Geográfico

A educação contextualizada se dá a partir das necessidades de entender os conteúdos juntamente com os saberes e fatos relatados à vida e à realidade dos alunos proporcionando-lhes oportunidades de trocas e associação de distintos saberes e conhecimentos acerca dos conteúdos geográficos.

É imprescindível o conhecimento pelo professor mediador acerca da realidade a ser explorada, pois de acordo com Filho (2007, p.39)

Toda vez que o professor for fazer a contextualização deve ter em mente que ela é necessária para criar imagens do campo que ele irá explorar. É a contextualização que deixa claro para o aluno que o saber é sempre mais amplo, que o conteúdo é sempre mais complexo do que aquilo que está sendo apresentado naquele momento. No entanto, sabendo da amplitude e da complexidade, é essencial que tenha o domínio, a chave de acesso à complexidade.

Contextualizando-se é que se dá sentido ao conhecimento produzido e, por conseguinte, torna-se a aprendizagem significativa acerca da complexidade que representa os conteúdos e sua conexão com a realidade prática, pois ao conhecê-la, o aluno poder intervir no meio em que vive, transformando-o para atenção das necessidades impostas pela própria sociedade. “A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (FREIRE 1996, p.98).

Segundo o autor, a intervenção e a leitura de mundo subsidiam a capacidade do aluno de poder interagir e transformar sua realidade com vistas a compreender as diversas faces desta, assim como as formas de dominação e opressão desencadeadas pelas forças hegemônicas.

A compreensão desses processos pode ser melhor desenvolvida a partir do uso de metodologias no ensino, a exemplo do trabalho de campo como linguagem acessória ao entendimento dos conteúdos geográficos.

2. O TRABALHO DE CAMPO: UMA LINGUAGEM PARA INTERPRETAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PARAIBANO

Neste segundo capítulo abordarei o quanto a linguagem do trabalho de campo é importante para uma leitura e entendimento da dinâmica social, natural dos fenômenos ocorridos no espaço geográfico Paraibano.

Demonstraremos a importância dessa metodologia, o trabalho de campo, a partir da experiência vivenciada no decurso da disciplina de Prática de Ensino em Geografia Humana e da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, nas quais foram apresentadas leituras, vídeos e literatura regional, todas com enfoque direcionado à realização do trabalho de campo e, a conseqüente ida ao campo para a observação da realidade a ser vivenciada, no trajeto entre Cajazeiras a João Pessoa-PB.

Através da realização do trabalho de campo favoreceu-se o contato direto com os objetos de estudos para uma análise, observação e relato dos fatos ocorridos, posteriores, promovendo desta forma a construção do conhecimento mediando-se a teoria e prática.

2.1. O Trabalho de Campo como Linguagem para o Ensino

A prática do trabalho de campo, já vem sendo utilizadas como recurso metodológico há vários anos, os professores e pesquisadores utilizam esta pratica de vivencia a teoria na pratica, tendo em vista que em muita das vezes os alunos reclamam das aulas, achando-as chatas e sem atrativos algum, o trabalho de campo proporciona o contato real com os elementos, possibilitando analisar, observar e obtér informações do campo observado.

Durante as disciplinas ministradas foi sugerida a leitura da literatura regional Vingança, Não!, a qual relata a história do cangaceiro Chico Pereira e sua história trama no município de Nazarezinho-PB, além de assistir aos filmes Abril Despedaçado, de Ismael Kadaré, e Cabra Marcado para Morrer, A História de Elizabeth Teixeira e, Sobreviventes de Galiléia, os quais contam a história do campesinato, especificamente na Paraíba, com a trajetória de luta de Elizabeth e de luta e assassinato de seu esposo, uma liderança das Ligas Camponesas, João Pedro Teixeira com objetivo de relaciona-las ao campo.

A escolha do livro, Vingança, Não! e dos filmes assistidos, encontram-se intrinsecamente relacionados pelas escolhas realizadas pelos seus protagonistas e demais personagens no momento em que as referidas obras demonstram que na vida há momentos de escolhas de rompimento ou de tradição de continuidade dos costumes regionais de uma época.

Conhecidas as obras foi realizada a construção do planejamento do trabalho de campo com definição de roteiros, temas a serem abordados e os locais de visitas com horários pré-fixados e realizados durante três dias, do mês de fevereiro de 2015.

O Trabalho de campo como metodologia de ensino apresenta a possibilidade de perceber-se o desenvolvimento da práxis, uma vez que os alunos podem vivenciar na prática os conhecimentos construídos em sala de aula, portanto com a oportunidade de reconhecer que o espaço se transforma através das relações sociais e da própria da natureza. Daí a formação do sujeito crítico capaz de ler o mundo em distintos espaços para além da sala de aula.

Conforme afirma Silva (2002, p.3):

[...] o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e a reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual

como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar. Ou, em decorrência de experiências mais recentes vinculadas á formação técnica, a observação e interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes á pratica social.

Conforme Neves (2010, p.16),

De acordo com os objetivos relacionados à aplicação dos trabalhos de campo e com o nível de ensino ao qual eles se destinam, a função dessa metodologia pode ser mais ou menos abrangente, e deste modo tem sido historicamente aprimorada para contemplar os fenômenos que serão investigados e a profundidade com que serão abordados.

O trabalho de campo tem inúmeras vantagens para a formação do discente, especialmente para se compreender em quais momentos é possível e necessário desenvolvê-lo, uma vez que essa metodologia exige planejamento, organização e avaliação, pois apresenta vantagens, mas também limitações.

Na Disciplina de Prática em Geografia Humana, ministrada no período 2014.2, pela professora Doutora Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, Orientadora neste trabalho, tivemos a oportunidade de contemplarmos à ida ao campo observar as dinâmicas dos fenômenos sociais e naturais presentes nas cidades Paraibanas de Nazarezinho, Santa Luzia, Campina Grande, João Pessoa e Sapé. Além dessa disciplina, também se fizeram presentes as turmas das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado II, Prática de Ensino em Geografia Física e Prática de Ensino em Geografia Regional.

Essa metodologia, o trabalho de campo, utilizada na referida Disciplina provocou em toda a turma de alunos a curiosidade e a ansiedade para as vivências na prática dos conteúdos, debates, filmes, seminários, aulas expositivas dialogadas, desenvolvidos em sala de aula sobre o que seria experienciado.

A autora nos mostra que é preciso ter em mente os objetivos a serem vistos durante o trabalho de campo, o nível de ensino ao qual se destina, buscando cada vez mais o aprimoramento desta metodologia para que possam ser observados todos os fenômeno, e para tal, é indispensável a participação e o envolvimento de todos os sujeitos envolvidos no trabalho de campo em todas as suas fases, quais sejam: antes, durante e depois.

A preparação do roteiro teve como proposta a análise das categorias geográficas território, paisagem, lugar, região e espaço, e para tanto, houve a preocupação de abordar conteúdos sobre a metodologia trabalho de campo para melhor compreender sua extensão e o

planejamento necessário, uma vez que a referida metodologia apresenta três momentos distintos, o antes, o durante e o depois do trabalho de campo.

Conforme afirma Neves (2010, p.23-24), a qual demonstra que essas etapas, para autores diferenciados, apresenta nomenclaturas distintas, embora corroborem para a mesma ideia:

Embora haja divergências na denominação de cada etapa de um trabalho de campo, a maioria dos autores tende a apontar três etapas principais: a que antecede a saída de campo, o trabalho de campo propriamente dito, e as atividades realizadas após a saída de campo.

O trabalho de campo realizado durante três dias nos possibilitou ao sairmos de Cajazeiras-PB, visitarmos as cidades Paraibanas de Nazarezinho, Santa Luzia, Campina Grande, João Pessoa e Sapé. O trajeto percorrido demonstrou a diversidade e a complexidade de todas as porções do espaço geográfico visitado, quando do trabalho de campo o ensino pode proporcionar ao aluno o contato direto com objeto de estudo procurando compreender a complexidade do espaço a partir das observações e análises realizadas nos espaços proporcionando assim a construção do conhecimento.

Antes da realização de um trabalho de campo há duas etapas básicas, quais seja a organização da turma em grupos e atividades distintas, e, o planejamento.

A organização incluiu a divisão do grupo em cinco subgrupos de quatro alunos, em média, assim denominados: grupo de gravação e transcrição; grupo de imagens; grupo de entrevistas; grupo de relato e grupo de croquis, respectivamente para gravar e transcrever falas dos entrevistados; registro fotográfico; construção de roteiro de entrevistas; relatoria final; e, desenho das áreas visitadas. Para tanto, requer-se a preparação o conhecimento das áreas a serem visitadas com vistas a evitar possíveis transtornos e dispersão do grupo para não descaracterizar ou trazer prejuízos ao trabalho de campo.

Durante a realização de um trabalho de campo, muitos fatores podem atrair mais a atenção dos alunos do que as atividades propostas pelo professor, ruídos, elementos da paisagem, odores, cores, a própria sensação de liberdade. Por isso mesmo um trabalho de campo bem estruturado pode ser mal sucedido. (NEVES, 2010, p.18).

A organização da ida ao campo requer uma série de fatores que devem ser levados em conta como: o espaço geográfico e suas especificidades, a dinâmica que o move, cabendo ao educador, fazer o recorte da área a ser visitada, conhecida, observado os fenômenos naturais e humanos existem nestes espaços, e conseqüentemente, em sala de aula são apresentados e

discutidos os objetivos do trabalho a ser realizado.

Corroborando a esta afirmativa, assegura SERPA (1949, p. 09):

O trabalho de campo em geografia requer a definição de espaços de conceituação adequados aos fenômenos que se deseja estudar. É necessário recortar adequadamente os espaços de conceituação para que sejam revelados e tornados visíveis os fenômenos que se deseja pesquisar e analisar na realidade.

A organização e o planejamento, o antes, realizado em sala de aula ocorre a preparação dos alunos através de orientações, conteúdos explanados, traça objetivos e elabora um roteiro com os locais que serão visitados, como também os horários de chegada e saída de cada local.

O planejamento inclui as preocupações com possíveis problemas que possam ocorrer, os quais deverão ser sanados, e quando possível, previstos, a exemplo da escassez de recursos por parte de alguns participantes, veículos podem apresentar defeitos, motoristas insatisfeitos ou com comportamentos inadequados, funcionários da escola podem se recusar a participação na viagem, alojamentos inadequados a realidade dos participantes, dentre outros, que exigem no mínimo, a importância de se programar a viagem e o trabalho de campo com considerável antecedência.

A etapa seguinte, o durante o trabalho de campo, consiste na realização das vivências no campo e o debate conexo com a teoria da sala de aula, com retirada de dúvidas, levantamentos de questionamentos, dentre outros. O momento final, o depois do trabalho de campo, ocorre a construção do relato, o qual no caso específico das disciplinas ministradas se deu a partir de um relatório final realizado por todos os alunos, de modo que todos colocaram suas contribuições, leituras, impressões, registros, culminando na última nota avaliativa da disciplina.

Acerca dessa forma de avaliar, segundo a Professora ministrante das disciplinas, buscou-se o repensar o processo avaliativo e da capacidade que todos os alunos da turma poderiam demonstrar de pensar/agir/refletir coletivamente sobre os conteúdos e realidades vivenciadas na práxis proporcionada pelo trabalho de campo.

2.2. O Trabalho de Campo na Formação Inicial e a Educação Contextualizada para uma Leitura do Espaço Geográfico

O trabalho de Campo consiste numa metodologia importante para a compreensão da dinâmica espacial, pois possibilita ao educando vivenciar na prática os conteúdos vistos em sala de aula e, na prática associá-los, durante a execução do trabalho de campo quando os participantes através da observação, da análise, reflexão e obtenção de informações acerca do objeto pesquisado sintetizam e constroem novos conhecimentos e saberes.

O professor dispõem de varias ferramentas para dinamizar suas aulas, dentre elas damos destaque ao trabalho de campo que proporciona ao aluno um contato direto com o objeto de estudo, contextualizando com o que foi estudado em sala com o espaço geográfico, podendo observa-lo , analisa-lo e fazer comparações com o meio na qual esta inserido.

Segundo Lacerda (2015) a formação inicial docente tem apresentado déficits no tocante à forma como são construídos os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) de Licenciaturas, a exemplo do Curso de Licenciatura do qual fazemos parte no Centro de Formação de Professores (CFP), da UFCG, Campus Cajazeiras – PB, pois apresenta desconexão entre a teoria e a prática. Segundo o PPC do Curso (UFCG, 2008), a prática como componente curricular ocorre a partir dos 50% do curso, momento em são ofertado as disciplinas de Práticas de Ensino e Estágios Curriculares Supervisionados. Portanto, no período anterior aos 50% do Curso, há considerável entrave no tocante à práxis a ser desenvolvida no Curso.

No ensino há variadas formas de se discutir a práxis, sem necessariamente esperar-se pela oferta de disciplinas de prática de ensino nos cursos de Licenciaturas. Dentre essas formas situam-se as viagens de campo com o fim de realizar trabalhos programados, os quais colaboram e fortalecem o aprendizado na formação inicial de professores com vistas à preparação destes para a atuação futura na Educação Básica.

A execução do trabalho de campo pode promover o debate acerca dos conhecimentos a serem construídos em sala de aula e no campo, consolidando a práxis social a partir das experiências com as realidades de distintos sujeitos, momentos em que pode se oportunizar o debate a partir da ótica da educação contextualizada.

Segundo Santos (1992) para o exercício de trabalhos de campo em geografia são importantes à definição de espaços a serem visitados, tempos de visita e a conceituação dos fenômenos e fatos, os quais poderão ser vivenciados.

Quando analisamos um dado espaço, se nós cogitamos apenas dos seus elementos, da natureza desses elementos ou das possíveis classes desses elementos, não ultrapassamos o domínio da abstração. É somente a relação que existe entre as coisas que nos permite realmente conhecê-las e defini-las.

Fatos isolados são abstrações, e o que lhes dá concretude é a relação que mantêm entre si.(SANTOS, 1992, p.14)

Os espaços visitados, analisados apresentam diversidades e requer o olhar no sentido de se perceber os elementos visíveis e invisíveis, produtos das interações da sociedade em si e desta com a natureza, da qual faz parte, portanto se faz imprescindível uma leitura contextualizada acerca do espaço geográfico a ser percorrido.

No trabalho de campo realizado foi fundamental o entendimento dos fatos e fenômenos históricos ocorridos no Estado da Paraíba, nas áreas visitadas, assim como sua relação com todo o trajeto percorrido e todas as metodologias utilizadas em sala de aula com vistas à culminância do trabalho.

Conhecer distintos povos, culturas, religiões, aspectos da política e os fatores naturais regionalizados promove maiores possibilidades de reorganização do debate posterior ao trabalho de campo, na fase de relato.

Para tanto, situamos em nossas discussões as distintas formas como a população paraibana ao longo do tempo tem construído o espaço paraibano, e para melhor compreensão destacamos entre os principais estudiosos da categoria geográfica espaço, o Professor Milton Santos cuja produção enfatiza críticas à globalização como produto do capital financeiro, ao passo em que propõe outra globalização, na qual os seres humanos sejam considerados como sujeitos de direitos e com respeito ao ambiente. Nesse sentido, o autor (1978) enfatiza o meio técnico-científico-informacional como principal elemento para a ocupação/construção do espaço geográfico.

Em sua obra *Por uma geografia nova* (1978), a categoria espaço é compreendido como resultante de um conjunto de forças e formação desigual, portanto diferenciada regionalmente. Para o autor (*ibidem*, p, 122), o espaço resulta num conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções.

Santos (*ibidem*) considera o espaço como resultado das relações sociais de produção humanas com a natureza, uma totalidade, pois é produto das ações humanas com a natureza em tempos históricos diferenciados, comportando as noções de formas, processos e funções (SANTOS: 1978, p. 171).

Para a compreensão do espaço geográfico em sua totalidade é imprescindível que o observemos, buscando entender seus fenômenos e relacionando-os ao ensino para que os alunos compreendam a interação das relações que nele acontecem e o produto dessas relações,

bem como quais as contribuições dessas reflexões na construção de novos conhecimentos.

2.3. Outras Metodologias Utilizadas na Preparação do Trabalho de Campo: Vídeo, Literatura Regional, Imagens e Croquis.

O uso de distintas metodologias pelos professores em sala de aula contribui no processo de ensino, promovendo maior interatividade na construção de conhecimentos geográficos. Para tanto, cabe ao professor desenvolver o planejamento com vistas a significativo, bem como tornar o ato de ensinar prazeroso e atrativo ao aluno, de forma que ele correlacione os conteúdos com a sua vida pessoal, atribuindo significados ao ato de aprender.

Durante as disciplinas ministradas foram mencionados conteúdos, os quais foram facilitados a partir do vídeo, de imagens, leituras de textos e da literatura regional, para ao final das disciplinas culminarem na avaliação com a realização do trabalho de campo como linguagem.

O uso de vídeos e literaturas regionais são linguagens capazes de contextualizar o ensino a partir de sua associação com outras metodologias como o trabalho de campo.

A utilização da literatura segundo Pontuschka (2009, p. 236-237) se constitui como:

fonte de prazer, mas não é só isso. É igualmente modo de conhecer o mundo, o todo da vida, dos homens, apenas no curto período de tempo de nossas vidas. A maioria pela qual usamos a palavra, os termos utilizados, as construções sintáticas também formam a consciência, ajudam a reforçar ou desmitificar certos valores, (...), A literatura dá prazer. A palavra é importante. Como se tem prazer ao sentir harmonia de um quadro ou de uma música. Há professores que trabalham essa parte, mas a literatura é muito mais que isso. Por ela os alunos podem descobrir também toda a grandeza existente nos homens, para que essa grandeza exista neles igualmente, (...), a linguagem do cinema vem sendo cada vez mais utilizada nas aulas de geografia. Enquanto que alguns professores empregam adequadamente essa linguagem, outros ainda têm dificuldades de usá-las como recurso didático sem descaracterizar ou esquecer a arte cinematográfica.

A literatura, o vídeo, o cinema contribuem para o ensino, o conhecimento de outras realidades, de personagens e fatos históricos a eles relacionados, dentre outros elementos que contribuem para despertar a curiosidade e o interesse dos alunos acerca dos conteúdos

explanados.

Conforme mencionamos inicialmente neste trabalho, assistimos aos filmes *Cabra Marcado para Morrer*, *A História de Elizabeth Teixeira* e *Os Sobreviventes de Galiléia*, todos de autoria de Eduardo Coutinho, os quais relatam sobre a vida de João Pedro Teixeira, liderança camponesa no município de Sapé-PB, assassinado por grande proprietário de terra no período da Ditadura Militar. O filme *Cabra marcado para morrer*, conta a luta de João Pedro Teixeira pelas ligas camponesas lutou até sua morte pelo direito da terra, passando o legado para sua esposa Elizabeth Teixeira.

Associado a estes filmes também assistimos o filme *Abril Despedaçado*, dirigido por Walter Sales, o qual relata a luta de duas famílias pela terra e que seguem uma luta sangrenta de vingança entre duas famílias.

Somadas as histórias dos quatro filmes exibidos, realizamos a leitura da literatura regional *Vingança, Não!*, de autoria de Francisco Pereira da Nóbrega, o qual relata a história de Chico Pereira, um Sertanejo que ingressa no Cangaço para vingar a morte de seu pai, assassinado por lideranças políticas regionais, sem que houvesse punição ao assassino de seu pai, isto ocorrido no ano de 1928, quando ocorreu a construção da Barragem de São Gonçalo, município de Sousa – PB.

Tanto os filmes como a literatura mencionados retratam histórias de vingança e tradição de famílias do Sertão Nordestino, cujas cenários se desenrolam em paisagens diferenciadas, mas que encerram no rompimento com a tradição de violência quando as esposas dos assassinados João Pedro Teixeira, Elizabeth, e de Chico Pereira, Jarda, assim como no filme, Tonho, interpretado por Rodrigo Santoro, decide mudar os destinos, realizando escolhas por trilhar outros caminhos que não fosse a violência entre famílias.

Debatemos e questionamos o filme e o livro em sala para obtermos um conhecimento prévio antes do trabalho de campo, o uso filmes e literaturas regionais proporcionando um entendimento sobre os temas, entendendo nossa cultura, lutas e desafios, todos considerados conteúdos que podem ser abordados no ensino contextualizado com as realidades locais/regionais do espaço paraibano.

No caso específico das disciplinas cursadas, e da qual fizemos parte como aluna, outras metodologias foram utilizadas para subsidiar a prática do trabalho de campo. Dentre elas, destacamos as aulas expositivas dialogadas, leituras de textos, debates, exibição de quatro vídeos, quais sejam: *Cabra Marcado Para Morrer*, *A História de Elizabeth Teixeira*, *Sobreviventes de Galiléia* e, *Abril Despedaçado*; além da leitura da obra literária regional,

Vingança, Não!, de autoria de Francisco Pereira Nóbrega.

Assim, a escolha dessas linguagens (vídeos e literatura regional) se deu pela necessidade de abordar na Geografia Humana a compreensão do trajeto de pesquisa, ou seja, a extensão oeste-leste do Estado da Paraíba, iniciando no município de Cajazeiras até João Pessoa para visitarmos e conhecermos realidades distintas relacionadas às distintas formas de apropriação do espaço paraibano desde o Sertão até o Litoral, observando-se a paisagem e suas características no tocante aos testemunhos de tempos e espaços diferenciados histórico e geograficamente.

Além das metodologias aqui citadas, trabalhamos também com a confecção de croquis das áreas visitadas procurando enaltecer habilidades no grupo de alunos, o qual foi dividido em subgrupos de imagem e gravação, entrevista, croquis e relato.

3. CONSTITUINDO A PRÁXIS A PARTIR DO TRABALHO DE CAMPO

Neste último capítulo nos debruçamos acerca do trajeto completo do trabalho de campo evidenciando os aspectos observados nas áreas escolhidas para a realização da atividade de ensino.

A prática do trabalho de campo é uma ferramenta bastante utilizada pelo professor de geografia indo além da sala de aula, proporcionando ao aluno uma vivência com o real, podendo observar, comparar, questionar e relatar tudo o que foi visto durante o campo. Antes da ida ao campo é muito importante o planejamento em sala de aula de todo o conteúdo e os lugares que serão visitados para evitar possíveis surpresas.

Para um bom trabalho de campo três etapas são fundamentais: o antes ainda em sala de aula o professor passa o conteúdo para o aluno e faz o planejamento do trabalho de campo, o segundo momento já em campo o aluno terá o contato e poderá fazer suas análises, anotações e registros fotográficos, entrevistas, retirar suas dúvidas. Já no terceiro momento ocorre um debate entre a turma e o professor para que as dúvidas sejam esclarecidas, em seguida elabora-se um relato de campo em dupla ou individual para se contar tudo o que foi visto

durante a viagem de campo.

A prática da ida ao campo proporciona a turma uma vista e contato com o real além das leituras e imagens vistas em sala valorizando esta prática e renovando as práticas nas aulas de geografia, ativando nos alunos a curiosidade e a busca além da sala de aula, a vivência com a prática.

3.1. O Estudo do lugar e da paisagem Paraibana através do Trabalho de Campo

O conhecimento do espaço geográfico paraibano se deu através da metodologia trabalho de campo, realizado nas cidades Paraibanas de Nazarezinho, Santa Luzia, Campina Grande, João Pessoa e Sapé, o qual nos proporcionou a consolidação da práxis mediante as vivências realizadas da teoria em sala de aula com os fatos presenciados através da memória histórica ou da observação nos municípios visitados.

A Paraíba tem uma vasta cultura, uma grande mistura de povos e raças diferentes que faz com que em cada cidade sua cultura e seu desenvolvimento se de forma diferenciada contribuindo para o desenvolvimento do Estado da Paraíba a partir da luta e coragem de seu povo valente.

As paisagens e lugares dos distintos espaços paraibanos observados nos mostraram os vários contrastes da Paraíba, suas belezas naturais e também modificadas pelo homem registrar por meio de fotografias e croquis estas paisagens proporciona ao aluno uma ferramenta fundamental para a análise e observação dos elementos contidos nela.

É de fundamental importância que os estudantes reconheçam conceitos, a construção, a ação humana sobre o mundo e que tenham a curiosidade de conciliar uma interpretação contextualizada há esses espaços de forma dinâmica e inseparável. Para Santos (1996, p.61) “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”.

O autor enfatiza que a paisagem abrange tudo aquilo que a vista pode alcançar, formada pela interação de vários elementos interagindo entre si dando cor forma e movimento a paisagem. O estudo da paisagem durante o trabalho de campo é fundamental, pois o aluno obtém uma noção de espaço a partir dos elementos expostos na paisagem.

É no lugar que são desenvolvidas relações de poder, social o ser humano se

desenvolve valorizando e preservando sua cultura local dando origem a sua identidade.

Para Schaffer (2013, p.93):

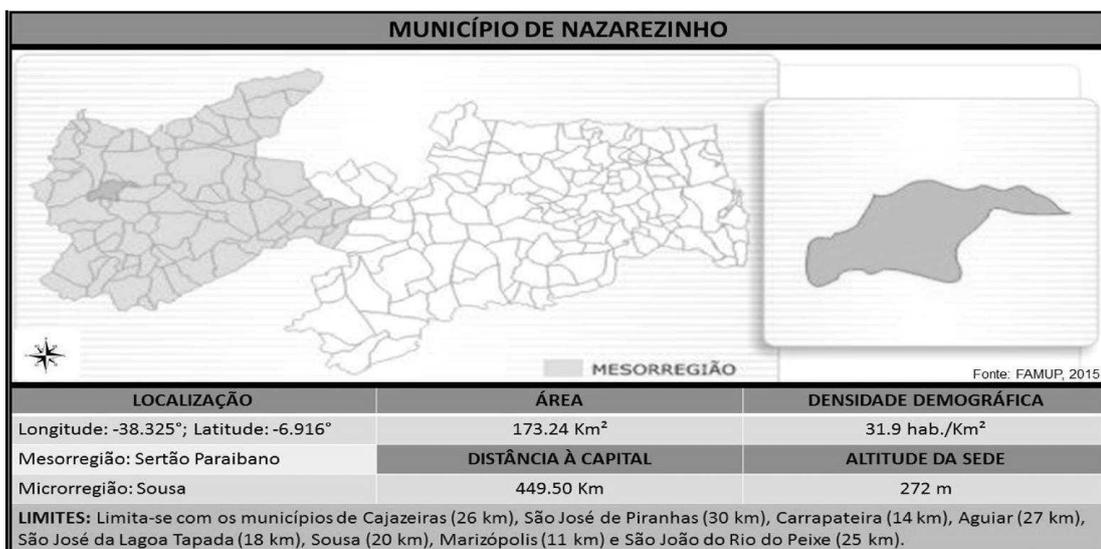
O lugar como espaço vivido, como horizonte cotidiano, traduz a identidade de cada um. Assim sendo o conceito e as vivências do lugar assumem um significado especial no ensino de geografia, na perspectiva de uma educação que se volta para a atitude de solidariedade e participação e que valoriza o conhecimento que promove a identidade (pessoal, social, espacial).

É possível perceber as que cada um desenvolve no seu lugar, contribuindo para a construção da identidade do indivíduo, por isso a ciência geográfica deve observa e valorizam estas relações existentes ente os indivíduos e o lugar e sua origem.

3.2. O trajeto percorrido no trabalho de campo

O estudo compreendeu o trajeto por cinco cidades paraibanas, iniciando no município de Nazarezinho – PB, onde conhecemos a família que carrega a história do cangaço, através do personagem principal da Literatura Regional Vingança, Não!, Francisco Pereira da Nóbrega.

Figura 01: Mapa de localização da cidade de Nazarezinho-PB



FONTE FAMUP (2015) E IBGE (2014).

Visitamos a residência de Abdias Pereira (filho do Cangaceiro Chico Pereira e irmão

do autor do livro *Vingança, Não!*. Encontramos um acervo fotográfico da família Pereira, um memorial em processo de construção e reorganização do acervo fotográfico. No local nos foi oportunizado conhecer e conversar com Maria Egilda, filha de Abdias Pereira e sobrinha de Chico Pereira, a qual nos relatou sobre o ingresso de Chico Pereira para o Cangaceirismo.

Imagem 01- Residência de Abdias Pereira



Fonte: Fonseca, Adriana 2015

Na oportunidade, perguntamos sobre como ela percebia esses fatos, e então nos foi mencionado que a história aos poucos vem sendo silenciada na família e na cidade. Posteriormente, passamos pela Fazenda Jacu, residência em ruínas, do cangaceiro Chico Pereira com sua esposa Jarda e seus filhos. No local pudemos discutir e observar a paisagem

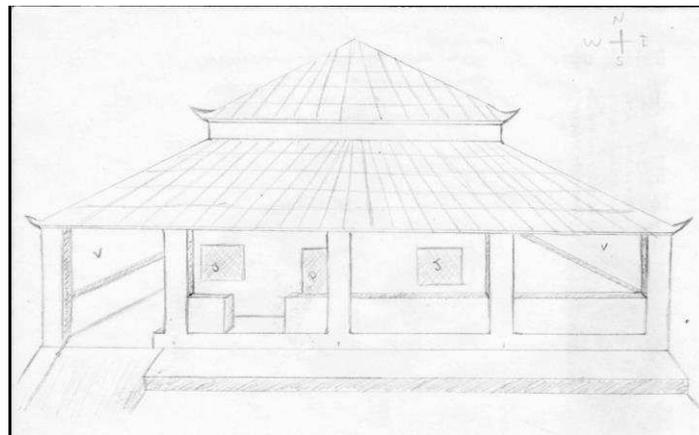
relembrando fatos relacionados pelo autor do livro Vingança, Não! ao se reportar àquele momento histórico.

Imagem 2 - Fazenda Jacú, casa de Chico Pereira.



Fonseca, Adriana de Sousa. 2015

Figura 01 - Casa de Abdias Pereira



Fonseca, Adriana de Sousa. 2015

Ele ficou conhecido por entrar no cangaço para vingar a morte de seu pai, já que a justiça não havia condenado o assassino, deixando impune, andando livre pelas ruas. A partir daí desencadeia-se o processo de formação do bando de cangaceiros. O livro foi escrito por Francisco Pereira Nóbrega, filho do Chico Pereira e retrata episódios ocorridos nos estados da Paraíba, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Assim como já foi citado, a primeira parada foi na casa que morou Abdias Pereira

(Imagem 01), irmão de Chico Pereira, hoje um espaço dedicado a guardar lembranças e memórias de Abdias, criado pela família. O objetivo da visita foi à obtenção de informações que viessem a complementar a leitura realizada em sala de aula. A chegada ao local aconteceu por volta das 08h45min e estava na residência Maria Egídia, filha do Abdias e sobrinha do conhecido cangaceiro. Esta recebeu a equipe com satisfação e logo convidou a todos para conhecer a antiga morada. Apresentou as fotos ali expostas e contou um pouco da história da família.

Em entrevista, Maria Egídia afirma que as pessoas da cidade conhecem a história do de seu tio, porém não falam sobre o assunto e que isso não atrapalha o relacionamento entre ambos. Falou também que a família de Chico Pereira Dantas não queria que ele entrasse para o cangaço, mas que em nenhum momento o abandonou por causa disso. Afirmou ainda que muito se fala sobre o assunto, porém nem sempre são verídicos os comentários em obras escritas, alegando que “o pessoal bota do jeito que quer”.

Posteriormente a saída da residência de Abdias Pereira às 10h15min, nos direcionamos à Fazenda Jacú (Imagem 02), próximo a entrada da cidade, onde morou Chico Pereira com sua esposa Jarda e filhos. A casa está em situação precária (em ruínas) e por esse motivo não é aconselhável entrar nela para conhecer.

De fora da casa, houve um momento de discussão do livro “Vingança, Não!”, onde nos lembrávamos dos fatos contados na obra e imaginávamos a situação. Vizinho a casa, mora Josimar Pereira de Oliveira, filho de Luiz Pereira, neto de Abdias Pereira Dantas. Tentamos conversar com ele sobre o tio, porém o rapaz não entrou em detalhes, afirmando apenas que a propriedade já tinha sido alvo de disputa entre os herdeiros e que a mesma está em processo de tombamento como patrimônio histórico.

A partir da conversa com Maria Egídia pode-se entender que ela não falava com total liberdade os fatos acontecidos, já que à medida que comentava algumas perguntas propostas pelos alunos, como também pelos professores, dava uma pausa, chegando a falar que “tem hora que é preciso parar”. Também ficou claro que ela falava bastante do pai Abdias, o que se imagina que queria colocá-lo como ator principal da história, ficando claro um laço afetivo muito forte da mesma com as lembranças do pai.

Em vários momentos, Maria Egídia deixava claro que a sua exposição de relato era sobre a vida de seu pai. Em contrapartida, a entrevistada não tinha muitas informações aos ouvintes ali presentes sobre os fatos da vida e história de Chico Pereira, alegando falta de conhecimento ou recordação da época

A segunda parada aconteceu na Cidade de Santa Luzia (Mapa 02), situada na

Mesorregião da Borborema, onde foi visitada a Escola Arlindo Bento como pode ser analisada na imagem 3 a seguir, concebida como Escola Quilombola.

No município de Santa Luzia – PB, conhecemos a experiência de ensino voltado à permanência de culturas passadas dos mais velhos para os mais novos na Escola Estadual Arlindo Bento de Moraes, na qual se desenvolve um projeto educacional de povos quilombolas, oriundos do quilombo do Talhado, assim como do quilombo urbano do Talhado, neste município.

Imagem 3- Vista da Escola Estadual Quilombola Arlindo Bento de Moraes



Fonseca, Adriana de Sousa. 2015

A Escola Estadual Quilombola Arlindo Bento de Moraes, está localizada na zona urbana em uma área remanescente de quilombos na Rua Antônio Moises, Nº264, cidade de Santa Luzia-PB. A escola vem desempenhando um trabalho com reconhecimento amplo devido a sua relevância para uma construção cidadã consciente e crítica do alunado, junto à comunidade a instituição desenvolve o combate à discriminação, preconceito étnico racial,

homofobia entre outros. Os projetos desenvolvidos com a equipe pedagógica da escola tem uma relação forte com a comunidade, fazendo com que a cultura e as tradições locais fiquem permanentemente inseridas no ambiente escolar.

Logo, se percebe a importância desse ensino para os quilombolas, no qual, os mais jovens vão aprender com os mais velhos (assim como os conteúdos específicos apresentados em sala de aula), suas tradições, culturas, heranças, podendo guardar as memórias de suas origens, ao mesmo tempo em que passam a construir um conhecimento escolar, ou seja, os alunos da educação quilombola vão ter sua aprendizagem, porém de modo específico no qual poderão aprender mais sobre a cultura do seu povo sem perder o vínculo das suas raízes.

A convivência pacífica e a disciplina dos alunos são questões visíveis como reflexos dos sistemas e procedimentos utilizados sistematicamente pela escola para abordar os processos de planejamento institucional. A qualidade do ensino apresentado pela escola é resultado de um trabalho desenvolvido, planejado e articulado entre a gestão da escola e a sala de aula, promovendo o desenvolvimento de um diálogo maduro das lideranças pedagógicas e da direção, com um objetivo em comum de uma educação de qualidade.

Além de vivenciarmos o espaço de trabalho das louceiras, visando uma ampliação de como se funciona as dinâmicas escolares, bem como a relação entre comunidade/escola, enquanto essa, uma fonte de influências na vida cotidiana dos indivíduos e, como parte importante no processo de ensino/aprendizagem.

Para a explicitação da área e paisagem observadas, foram utilizadas as metodologias do croqui e da imagem conforme expressas, a seguir.

Imagem 04 - Louceira colocando as peças no forno para queimar



Fonseca, Adriana de Sousa.2015

Imagem 04 - louças sendo colocadas no forno**Fonseca, Adriana de Sousa. 2015**

A associação das louceiras é formada por um grupo de mulheres da comunidade quilombola que teve como liderança Maria do Céu Ferreira da Silva (Céu das Louceiras) mulher popularmente conhecida pelo trabalho e buscas constantes de recursos para comunidade. Céu foi morta após ter tido 70% do seu corpo queimado pelo seu marido, fato ocorrido em data de 27 de setembro de 2013, Maria do Céu Ferreira da Silva era louceira e muito respeitada por todos da cidade de Santa Luzia e por diversos setores dos movimentos de igreja e sociais.

A líder era presidente da Associação das Louceiras Negras da Serra do Talhado e a principal liderança da comunidade quilombola da Serra do Talhado Urbano, também em Santa Luzia – PB.

Hoje a irmã de Maria do Céu lidera o grupo. Essas mulheres têm na cultura da fabricação de peças artesanais feitas com argila uma fonte de renda, onde confeccionam panelas, jarras, copos entre outros utensílios.

O terceiro local da visita foi o Instituto do Semiárido (INSA), no município de Campina Grande, onde se desenvolve projetos voltados à sustentabilidade do Semiárido.

Figura 03 – Localização da Cidade de Campina Grande



FONTE FAMUP (2015) E IBGE (2014)

Nesse momento, paramos na Cidade de Campina Grande localizada na Mesorregião do Agreste, onde seguimos para o Instituto Nacional do Semiárido (INSA).

O Instituto Nacional do Semiárido (INSA) é um instituto de pesquisa, com enfoque no Semiárido brasileiro, sendo parte integrante da estrutura do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Busca viabilizar soluções interinstitucionais para a realização de ações de pesquisa, formação, difusão e formulação de políticas para a convivência sustentável com o clima semiárido, isso a partir das potencialidades socioeconômicas e ambientais da região. O instituto é referência devido às ações articuladas e a execução participativa de estudos e pesquisas que são relevantes para a construção de um semiárido social, econômico e ambientalmente sustentável, valorizando suas potencialidades.

O conhecimento sobre o potencial de manejo e utilização desses recursos ainda é bastante elementar, necessitando de iniciativas em pesquisa e aplicação, em convergência com o conhecimento popular, pensando nisso o INSA trata de algumas discussões e ações como:

- Cactáceas: conservação e uso sustentável;
- Bioprospecção, conservação e avaliação dos recursos genéticos e bioquímicos do bioma Caatinga;
- Diversidade genética e cardiológica de plantas exclusivas.

Imagem 05 – Amostra de cactos produzidos no INSA.



Fonseca, Adriana de Sousa. (2015)

Apesar de apresentar uma região climática propícia para o cultivo das cactáceas (Semiárido Nordeste), o Brasil está bem atrás de muitos países no consumo das espécies (muitos países compram essa cultura do Brasil) e estão eles agora tendo grandes lucros. O Dr. Arnobil busca, desde que ingressou no Instituto, que a população dessas regiões fosse conscientizada a utilizar essas espécies não somente como “socorro”, mas também ver nelas um meio de vida, uma forma econômica de sustento. Diante do desafio, foi criado o cactáceo e o banco genético das principais espécies nativas e não nativas, para ser mostrado à comunidade o potencial não só agrícola, como também socioeconômico, já que segundo o pesquisador, o semiárido nordestino tem a 2ª maior diversidade de cactáceas do mundo.

Assim, o INSA com o projeto das cactáceas, também atua com a gestão de recursos hídricos e nesse contexto, o Instituto trabalha com a prática de captação de água da chuva e o reuso em estratégias eficazes para a conservação dos recursos hídricos, em aspectos qualitativos. Através desse preceito, o INSA aborda temas atuais e ações como:

- Reuso de água no semiárido brasileiro para fins não potáveis, visando principalmente à produção agrícola;
- Tecnologias sociais de captação de água de chuva

Imagem 06 - Sistema de armazenamento da água captada pela chuva.



Fonseca, Adriana de Sousa.(2015)

O quarto local compreendeu a visita ao Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA), situado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Campus João Pessoa – PB. Visitamos também a falésia da praia da Ponta do Seixas, áreas de mangues e a Estação Ciência para assistir o filme no Planetário, na cidade de João Pessoa-PB.

Figura 04 - Mapa de localização da cidade de João Pessoa -PB



FONTE: FAMUP (2015) e IBGE (2014)

Lá visitamos, em primeiro momento, o Laboratório de Geografia da Paraíba (LOGEPA) localizado na Universidade Federal da Paraíba-UFPB: focamos a atenção para a produção e manutenção de recursos didáticos, técnicos e científicos e, sua importância enquanto fonte de aprimoramento de conhecimento.

O LOGEPA é fruto de um projeto de extensão o “Conhecendo a Paraíba” é uma proposta de articulação entre a pesquisa e o ensino promovido pelos professores do Departamento de Geociências no ano de 1995. O seu principal objetivo é contribuir para a

produção e divulgação do conhecimento produzido na Universidade, junto às escolas públicas, privadas e também de outras instituições. Dois anos mais tarde, em 1997, surge por meio deste projeto de extensão, o Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA), resultado de uma iniciativa desenvolvida no Departamento de Geociências apoiada pela Universidade Federal da Paraíba através do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX).

Imagem 07 Maquete do Estado da Paraíba



Fonseca, Adriana de Sousa.(2015)

As práticas e funcionamento deste projeto são desenvolvidos no Laboratório e Oficinas da Paraíba (LOGEPA), o qual funciona como suporte do ensino de geografia da Paraíba nos níveis 1º, 2º e 3º graus, como também na divulgação dos conhecimentos produzidos na Universidade junto à sociedade (escolas públicas, privadas e também de outras instituições de nível superior).

As principais metodologias utilizadas no LOGEPA são: com relação ao ensino, aulas expositivas; Oficinas de trabalho; confecções de materiais didáticos; com relação à extensão, organização de trilhas; participação dos alunos bolsistas às escolas. Durante as aulas expositivas, se faz uso da maquete da Paraíba (inclusive tecendo considerações sobre a sua origem e construção), do quadro branco (mostrando didaticamente através de desenhos como funcionam os fenômenos físicos e humanos no nosso Estado), do projetor multimídia (apresentação de slides com textos, fotografias, mapas e gráficos, sobre o tema em questão) de um home theater (para apresentação de material áudio-visual), do programa Google Earth (mostrando na prática como se processa a localização na superfície terrestre, mediante as coordenadas geográficas e mostrando também alguns elementos físicos e humanos), dentre outros materiais.

O projeto teve a frente à professora Dr. Maria de Fátima Albuquerque Rangel Moreira como coordenadora e os alunos Paulo Vitor do Nascimento Freitas e Maria Karolyne Gracilene da Silva Xavier como alunos bolsistas do projeto.

Logo, podemos verificar o quão é importante o desenvolvimento desses recursos, principalmente se os mesmos forem criados e desenvolvidos com os alunos, pois, através destes poderá aguçar a criatividade bem como, possibilitar ao aluno poder fazer uma análise crítica tanto da utilidade desses materiais dentro de sala, como também o favorecimento que os mesmos trarão a sua compreensão conteudista.

No segundo momento, partimos com o destino das falésias da Ponta do Seixas, onde contemplamos uma visão mais significativa e aprofundada sobre reflexões a cerca da geografia física. Nesta parada, o professor Dr. Marcos Assis nos contempla em sua fala, de forma sucinta, com alguns processos físicos e humanos que atuam sob essa área. Segundo ele, os processos atuantes, causam a ação de erosão causada pelas ondas e pelo erguer das marés, provocando o desmoronamento da base e posteriormente de forma maciça há o arrasamento das partes superiores, dentro da sua própria geomorfologia marinha.

Intercalando a face dos agentes naturais existe a Mão do Homem, em que, esse jogo de interesse, reproduz nesse meio, formas de representações específicas, seja representações urbanas bem como, atrativos turísticos caracterizados como de movimento econômico, logo, modifica de forma inoportuna os locais onde os processos naturais vão se fincar mais intensivamente, causando diversos problemas, sendo assim um causador de modificações naturais também.

Finalizando com a visita do trabalho de campo no município de Sapé – PB para conhecer o Memorial das Ligas Camponesas, momento em que pudemos participar das homenagens ao aniversário de Elizabeth Teixeira, esposa de João Pedro Teixeira, líder camponês assassinado por um grande proprietário de terras, à época da Ditadura Militar.

Figura 05 – Mapa de localização da Cidade de Sapé – PB



FONTE: FAMUP (2015) e IBGE (2014)

Com objetivo de aprimorar os nossos conhecimentos acerca da dinâmica do movimento camponês na luta pela Reforma Agrária no Brasil vivenciamos na prática um movimento real acerca da história da reforma agrária, das lutas e conquistas da terra pelos movimentos sociais, e do aniversário e das homenagens a Elizabeth Teixeira.

Os movimentos das ligas camponesas no Brasil nascem e se consolidam em meados da década de 1950, período marcado por transformações na organização econômica, política e social, que repercutiu em diferentes níveis federativos.

A cidade de Sapé foi a responsável por abrigar a primeira liga camponesa no estado da Paraíba, fundada após três anos de muitas lutas e trabalhos assumidos pelo líder camponês João Pedro Teixeira, juntamente com sua esposa Elizabeth Teixeira em fevereiro de 1958, sob a denominação de “Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé” (LEMOS 2008). Com registro em cartório, o objetivo era mobilizar todos os camponeses na luta pelos seus direitos e de conscientiza-los na defesa de uma reforma agrária que atendesse os anseios de todos os trabalhadores rurais.

Foram inúmeras as prisões e assassinatos de lideranças para acabar com as Ligas. Com João Pedro não foi diferente: ele foi perseguido e assassinado. Elizabeth, então assumiu a liderança da liga camponesa, passando a sofrer ameaças, fatos esses que sensibilizaram a liga e os camponeses. Só aumentava o número de filiados, passando de 7.400 para 30.000 em apenas dois anos. Elizabeth passa a ser considerada ícone no Nordeste da resistência dos trabalhadores rurais na década de 1960.

Aos seus 90 anos declara que não vai mais ao campo por conta da sua idade mais que

é procurada por camponeses em busca para contar a sua trajetória e de seu esposo João Pedro, além disso, é reconhecida nacionalmente e participa de vários congressos e conferências em todo o Brasil.

O seu aniversário foi marcado por muitas homenagens tanto das escolas camponesas como de presenças ilustres como a de João Pedro Stédile e de ligas camponesas que tem Elizabeth como inspiração para continuarem na luta por uma reforma agrária que realmente atenta os anseios dos camponeses que lutam diariamente em busca dos seus direitos sociais e trabalhistas como pode ser visualizado nas imagens a seguir.

Imagem 08 Elizabeth Teixeira com a Bandeira do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores)



Fonseca, Adriana de Sousa.(2015)

Imagem 09 Homenagens e Apresentações Culturais para Elisabeth Teixeira.



Fonseca, Adriana de Sousa. (2015)

Imagem 10- Homenagem do Assentamento Elizabeth Teixeira pelos seus 90 Anos.



Fonseca, Adriana de Sousa.(2015)

O percurso realizado apresentou distintas possibilidades de se observar o espaço geográfico, cujas observações contribuiriam no desenvolvimento do trabalho de campo e na discussão para a construção do relato final, a última etapa do trabalho de campo.

4.3. Relato de Campo

É no relato de campo que o aluno conta o que aconteceu na ida ao campo desde o planejamento em sala de aula e todos os fatos ocorridos e observados durante a viagem. Com a orientação do professor e o auxílio de algumas leituras, vídeos, depoimentos, anotações e imagens os alunos desenvolveram o relato de campo bem mais estruturado. Para Neves a análise do relatório de campo pelo aluno é muito importante. (2010, p.49) “Depois de concluído o relatório, é importante que o estudante ou o grupo realize a revisão do texto analisando: a clareza e coerência das ideias; a exatidão e pertinência das informações; a atenção ao sentido ambíguo das frases e o uso uniformizado dos verbos”.

Para a autora é fundamental que o aluno ao termino do seu relatório de campo faça uma leitura minuciosa para observa se a erros para que se possam fazer as devidas correções, para que aja coerência dos fatos descritos.

Para um bom relatório de campo e fundamental que todas as informações observadas durante a ida ao campo estejam contidas no relato como também, fotos, croquis, entrevistas,

mapas e todos os materiais utilizados e coletados durante o campo estejam no relatório.

Antes de nossa ida ao campo para visitamos as cidades de Nazarezinho, Santa Luzia, Campina Grande, João Pessoa e Sapé na Paraíba, a professora em sala de aula dividiu as funções de cada aluno durante a viagem foram divididos em grupos responsáveis por fotos, entrevistas, elaboração de questionários, croquis e relatos. Depois da realização do trabalho de campo iniciamos a construção do relatório de campo em sala e em seguida divididas as partes de cada um o relatório ia sendo enviado por e-mail de aluno para aluno colocando suas devidas contribuições e relatos, feita à conclusão e enviado a professora.

O relato de campo é uma parte fundamental do trabalho de campo é onde todas as informações conhecimentos adquiridos durante o campo são colocados ali para a análise do professor e obtenção de uma nota ou parte dela. Um bom relato de campo significa que os alunos estavam atentos a todos os fatos e acontecimentos ocorridos durante a viagem e que houve troca de aprendizagem entre todos os participantes.

Seguindo todas as orientações dadas pelo professor, conversando e debatendo com os alunos sobre todos os fatos observados e analisados durante a viagem certamente o relato de campo contemplar a todos os requisitos solicitados pelo professor, à organização e coerência dos fatos e muito importante para a conclusão do relato de campo.

Durante o trabalho de campo tivemos oportunidades grandiosas como as conversas com a sobrinha do cangaceiro Chico Pereira , Maria Egilda, também de ouvir o depoimento de Elizabeth Teixeira a respeito de toda sua trajetória e luta a frente das ligas camponesas. Ainda podemos conhecer a Escola Quilombola Arlindo Bento de Moraes na cidade de Santa Luzia que mantem a cultura viva dos povos quilombola, desenvolve projetos junto a comunidade, participa do projeto das louceiras dando acabamento a suas peças , visitamos o INSA , Instituto Nacional do Semiárido neste local são desenvolvidos projetos voltados para o desenvolvimento sustentável como pesquisas com plantas ornamentais e captação da água da chuva.

Ainda tivemos a oportunidade de visitar o LOGEPA, Laboratório e oficina de Geografia da Paraíba, que possui uma enorme maquete do Estado da Paraíba e junto aos alunos desenvolvem projetos nas escolas da comunidade.

O trabalho de campo proporciona este contato direto com o objeto de estudo possibilitando tira duvidas e ao final produzir o relatório de campo. Ocorreram algumas desvantagens durante o estudo de campo como falta de alojamentos adequados, desinteresse por parte de alguns alunos, cansativo por durar três dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância do trabalho de campo somado a exibição de vídeos e literatura regional desenvolvidos nas disciplinas ministradas se constitui como subsídio ao aporte teórico-prático no processo docente e na formação inicial, estes exigem a adoção de metodologias diversificadas e estratégicas em sala de aula.

O trabalho de campo como metodologia promoveu-nos uma aula interativa, pois demonstrando como a expressão da paisagem contempla tempos e espaços diferenciados mediados e resultados por processos históricos vivenciados. Isto gera a maior compreensão dos sujeitos que ali estão inseridos, bem como averigua o funcionamento e a compreensão do conhecimento por determinadas grupos que estão em diferentes realidades.

O trabalho de campo consolidou a práxis através do diálogo possibilitado entre os referenciais teóricos e as realidades observadas revelando os desafios e as inquietações do grupo participante na atividade das disciplinas ministradas

A Geografia tem um papel fundamental na formação do educando, da sociedade e dos agentes educacionais, pois trabalhar para o exercício da cidadania, na medida em que o aluno é percebido como sujeito de sua própria história, responsável pela construção/transformação/destruição/ reconstrução do espaço em que vive.

A compreensão do ensino de geografia através de metodologias distintas como a que aqui explanamos possibilitou aos alunos da disciplina a melhor compreensão das relações socioculturais, da dinâmica da natureza, na qual os seres humanos atuam, vivem como agentes transformadores em função da satisfação de suas necessidades, o que possibilita melhor conhecer o espaço geográfico.

Finalmente, compreendemos a importância das metodologias diversas utilizadas, bem como compreendemos a partir dos fatos históricos contidos nos vídeos assistidos e na obra literária indicada, e ao associar estes ao trabalho de campo entendemos sua importância para a compreensão dos fatos históricos constituintes das paisagens ao longo de todo o espaço Paraibano, cujos variados aspectos físicos e sociais se relacionam entre si, produzindo e reproduzindo ações expressões diversas neste espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLETIM Paulista de Geografia/Seção São Paulo - **Associação dos Geógrafos Brasileiros**.- nº 1(1949)-São Paulo:AGB,1949.

CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico: Introdução aos Estudos de Geografia Moderna**. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1925.

CASTELLAR, Sônia; Vilhena, Jerusa. **Ensino de geografia –coleção Idéias em ação** – São Paulo: Cengage Leannang,2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa/** Paulo Freire.- São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

ISSLER, Bernardo. **A geografia e os estudos sociais**. 1973. 253f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Presidente Prudente, 1973.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a pratica docente na educação básica /**Karina Fernanda travagim Viturino- Ilhéus: Editus, 2010.

NÓBREGA, F. Pereira. Vingança, não! - **Depoimento sobre Chico Pereira e Cangaceiros do Nordeste**. 3. ed. – João Pessoa: Rep's Gráfica e Editora 1989. INSTITUTO, Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?/**Ariovaldo Umbelino de Oliveira, org.6ed. -São Paulo: contexto, 1998.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual /** Rodrigo Bezerra Pessoa. – João Pessoa, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Coleção docência em Formação**. Série Ensino Fundamental. Para ensinar e aprender Geografia - 3ºed. São Paulo: Cortez, 2009.

RODRIGUEZ, Janete Lins-Coord. Cartilha paraibana: **Aspectos Geo-históricos e Folclóricos**. João Pessoa, GRAFSET, 1993 128p.

SANTOS, Milton. **Espaços e Métodos**. 3^oed. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1992.

SANTOS, Milto ,1992-2001.**Da totalidade ao Lugar / Milton Santos**.- 1.ed.,1 reimpr.- São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2008.